



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Artes**  
**Departamento de Artes Cênicas**

ANA CECÍLIA KRESCH BORBA

**A relação da moda e figurino e as possibilidades de criações mais sustentáveis no teatro**

Brasília

2022

Ana Cecília Kresch Borba

**A relação da moda e figurino e as possibilidades de criações mais sustentáveis no teatro**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Interpretação Teatral, sob orientação do Professor Ms. Agamenon Bonfim de Abreu.

Brasília - DF

2022

Ana Cecília Kresch Borba

**A relação da moda e figurino e as possibilidades de criações mais sustentáveis no teatro**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Curso de Bacharel em Interpretação Teatral

Data de aprovação: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

---

Orientador: Prof. Ms. Agamenon Bonfim de Abreu (CEN/UnB)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cecília de Almeida Borges (CEN/UnB)

---

Prof. Dr. Alisson Araújo Almeida (CEN/UnB)

## **Agradecimentos**

Agradeço aos meus pais que sempre cuidaram de mim e me incentivaram nesse processo das artes.

Aos meus avós que me viram crescer no teatro e que sempre que podiam assistiam minhas peças com todo o carinho.

Aos meus irmãos que me fizeram companhia, ensaiaram texto comigo e que sempre estiveram ao meu lado.

Aos meus companheiros de trajetória: Samuel Caram, Felipe Laya, Isabela Quadros, Octavio Vilaronga, Marina Menegassi, Lourdes Silva, Julia Martinelli, Luiza Pereira, Giovanna Lisboa e Eduardo Görck entre outros que estiveram junto a mim, que tive o prazer de compartilhar parte da minha pesquisa e que cada um de sua forma me ajudou.

À maravilhosa professora Roberta Matsumoto por ter iniciado esse trabalho comigo, que muito nos ensinou sobre pesquisa e nos guiou nesse processo de busca de interesses acadêmicos.

Aos meus antigos professores de teatro que me ensinaram tanto e que ao longo dos anos contribuíram cada vez mais em me fazer seguir esse sonho difícil de viver de arte.

A Agamenon meu orientador que me ajudou muito nesse trabalho, que me instigou, provocou, questionou e construiu comigo um TCC que eu acreditasse na importância.

*“Precisa acabar com essa história de achar que cultura é uma coisa extraordinária, cultura é ordinária, cultura é igual a feijão com arroz, é necessidade básica tem que estar na mesa, tem que estar na cesta básica de todo mundo.”*

Gilberto Gil

## RESUMO

Essa monografia visa mostrar a correlação do figurino e da moda e as possibilidades de criações mais sustentáveis para o teatro. Perpassando pela teoria e prática este trabalho traz essa relação por meio da estética e significado das roupas, mostrando o quão significativo é ser sustentável na indústria têxtil e depois sugerindo técnicas para se aderir nesse caminho da roupa e da sustentabilidade. Também traz processos criativos e referências para entender quem já está nesse meio. Visa trazer influências para quem pretende fazer esse tipo de projeto em prática, e por último traz uma experiência de processo criativo feito nas disciplinas finais da graduação em bacharel de Artes Cênicas na UnB em 2021 e 2022.

**Palavras-chave:** Figurino; moda; sustentabilidade; teatro; processos criativos;

## ABSTRACT

This monograph aims to show the correlation between costume and fashion and the possibilities of more sustainable creations for the theater. Going through theory and practice, this work brings this relationship through the aesthetics and meaning of clothes, showing how significant it is to be sustainable in the textile industry and then suggesting techniques to adhere to this path of clothing and sustainability. It also brings creative processes and references to understand who is already in this environment. It aims to bring influences to those who intend to do this type of project in practice, and finally brings an experience of the creative process made in the final disciplines of the Bachelor of Performing Arts degree at UnB in 2021 and 2022.

**Keywords:** Costumes; fashion; sustainability; theatre; creative processes;

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>8</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I. ENTRE AGULHAS E LINHAS.....</b>	<b>12</b>
1.1 – Figurino e moda.....	13
1.2 – Sustentabilidade em pauta.....	15
1.3 – Juntando saberes.....	20
<b>CAPÍTULO II. RECORTANDO MOLDES.....</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO III. PEÇA FINAL.....</b>	<b>28</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXO A – Glossário.....</b>	<b>44</b>
<b>ANEXO B – Entrevista com Zé Regino.....</b>	<b>46</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Colagem na intenção de construção imagética do figurino para espetáculo Só sobraram as purpurinas, Brasília, 2021.....	29
Figura 2 – Croqui da personagem, espetáculo Só sobraram as purpurinas, Brasília, 2021.....	30
Figura 3 – Figurino de Só sobraram as purpurinas.....	31
Figura 4 – Maquiagem de Só sobraram as purpurinas.....	32
Figura 5 - Figurino Laura 1 da atriz Amanda Inter.....	34
Figura 6 - Figurino Laura 2 da atriz Ana Cecília Kresch.....	35
Figura 7 - Figurino Cláudio 1 do ator Eduardo Görck.....	35
Figura 8 - Figurino Cláudio 2 do ator Samuel Caram.....	36
Figura 9 - Figurino Dodô do ator Mattoso Lucas.....	36
Figura 10 – Figurino Marcela 1 da atriz Shirley Araújo.....	37
Figura 11 – Figurino Marcela 2 do ator João Cury.....	37
Figura 12 – Figurino Marcela 3 da atriz Natália Vídua.....	38



## INTRODUÇÃO

Vovó é uma artista plural, de desenhos ao crochê, do lixo ao mosaico, além de ser um amor de pessoa, e acredito que eu tenha puxado esse gosto pela arte dela. Sempre gostei muito dessa área e não me via em outra profissão senão ligada a arte. Quando decidi fazer Artes Cênicas, depois de ter pulado da ideia de fazer publicidade e arquitetura, pensei que só poderia ser atriz, até ir conhecendo o curso e as outras possibilidades nesse campo. Enquanto ia entendendo meu lugar de expressão artística fui entendendo como me expressar fora de cena.

Minha mãe e eu temos um gosto parecido para roupas. As peças que ela tem de antes mesmo de eu nascer hoje em dia são minhas e são absolutamente incríveis. Acho que por isso considero o armário dela um ótimo brechó, o nosso gosto é meio oito ou oitenta então ou nós amamos a mesma roupa ou discordamos totalmente. A paixão pela moda e por me expressar através das roupas foi surgindo aos poucos. Lembro que, quando mais nova desenhava roupas a ponto de criar minha própria revista em casa, desenhando as roupas de todas as estações com a minha amiga Julia. Foi então que vi uma possibilidade de juntar meus dois amores, o teatro e a moda por meio do figurino. Roupas pode parecer futilidade, mas roupa é política, para quem produz e para quem veste. Mostrar minha identidade e a identidade das personagens através do que vestimos me encanta e por isso caminho para futuramente ser uma figurinista.

Em casa, sempre pensamos nas pequenas tarefas que podiam ajudar o meio ambiente. Sei que muitas são difíceis de botar em prática, mas tentamos de pouco em pouco e acho que, por isso, sempre me encantei com o assunto. Não à toa, ele foi surgindo como tema dessa monografia. As roupas sempre foram um ponto aqui em casa, pensamos na durabilidade delas e passamos de mão em mão, da minha mãe para mim e de mim para a minha irmã; e assim aprendi que roupa de segunda mão é algo natural e necessária.

Aos poucos esses temas como roupa, moda, teatro, figurino e meio ambiente foram me instigando e não pude escapar de fazer uma pesquisa dedicada a isso. Para entender como cheguei aqui, preciso contar da minha paixão pelo teatro e como caminhei com tudo isso que já contei anteriormente até produzir essa pesquisa que hoje quero passar para frente e que acho relevante no campo teatral.

Amo o teatro, não de uma forma romantizada como quando caloura, sei dos perrengues que existem ao ser artista, mas ainda sim amo o teatro. A magia do teatro me conquistou como espectadora para depois poder virar artista. Minha segunda casa é o teatro, aonde o afeto vem do palco, dos bastidores e da plateia e não consigo agradecer a imensidão do acolhimento que recebi lá, foi onde tive grandes encontros, me encontrei, encontrei amigos, amores, artistas, mestres e sonhos, por isso me entreguei a essa graduação e agora entrego parte do que aprendi a vocês, procuro construir esses sonhos com esses aprendizados.

A minha pesquisa parte da possibilidade de sustentabilidade na criação de figurinos no teatro em meio à grande poluição da indústria têxtil e da sua relação com a moda. O foco da pesquisa, portanto, visa mostrar que o teatro, apesar de ser a arte da efemeridade, seus figurinos não duram apenas uma temporada, para isso, é preciso pensar em um processo de criação do figurino que busque recursos e alternativas mais sustentáveis.

O meu interesse pessoal dentro da área de Artes Cênicas, ao longo da minha formação no curso, é no campo da encenação. Os elementos visuais da cena me cativam, e é por conta da interdisciplinaridade, unindo muito as artes plásticas, artes cênicas e a moda que procuro estudar mais o figurino. Sempre amei essas áreas, não à toa cogitei fazer graduação delas também, elas me instigam desde mais nova quando desenhava croquis, pensava em reforma de roupas e fazia misturas mirabolantes de conjuntos para me vestir. O teatro veio com a paixão e dentro dele pude experienciar os meus outros gostos.

Partindo então da ideia de que o figurino é de suma importância para a criação e aprofundamento do personagem, procuro entender como o figurinista pode, sem restringir suas possibilidades criativas, procurar formas mais sustentáveis em sua produção. Quais são as ideias que surgem com a sustentabilidade? E quais novas técnicas podemos aprender com elas?

O figurino traz várias oportunidades criativas para além de roupas realistas que usamos no cotidiano e que são mais fáceis de encontrar. Pesquiso então diversas possibilidades de reaproveitamento de materiais, para assim obter escolhas mais sustentáveis e acessíveis para quando for necessário a produção de novas roupas, ajudando todo o elenco e o meio ambiente.

Nenhuma pesquisa se faz sozinha, por isso peguei emprestado ideias de pesquisadores que anseio em conhecer um dia e de outros que já se foram. Contracenei com eles e dei palco ao que foi virando essa dramaturgia que chamamos carinhosamente de TCC<sup>1</sup>. Busquei por meio de livros, artigos e documentários a teoria para poder aplicar na prática.

No capítulo 1 (Entre agulhas e linhas) tento explicar o percurso da costura dessa pesquisa, trazendo elementos iniciais e essenciais para entender como se dá esse entrelaçamento da moda, figurino e sustentabilidade. Trago uma breve explicação de porque o figurino, que se encontra dentro do setor têxtil, pode ter práticas insustentáveis para o futuro. Procuo conscientizar sobre o mercado e trago sugestões de maneiras sustentáveis para produção de peças. Além disso tento introduzir sobre a relação da moda e do figurino, para entender melhor essas práticas sustentáveis nos dois cenários e por consequência no teatro.

No capítulo 2 (Recortando moldes) mostro que hoje em dia já temos exemplos de figurinistas que usam da sustentabilidade como guia de suas produções, também falo sobre como a criatividade pode ser instigada com a sustentabilidade como motor das suas ideias e croquis, é um capítulo que visa falar de modelos em sustentabilidade, trazendo ideias que servirão de referências em criações sustentáveis e mostrar que não estamos sozinhos nessa jornada.

O capítulo 3 (Peça final) é o produto que criei com todos esses conhecimentos obtidos na pesquisa, por meio das disciplinas de Projeto em Interpretação Teatral e Diplomação de Interpretação Teatral, ambas disciplinas de formandos da UnB. Pude colocar na prática esse material, usando dicas do primeiro capítulo como a ideia de acervos, busca em brechós e mais, utilizando referências do segundo capítulo. Analiso os processos de criação de figurinos e vejo a viabilidade de produzi-los sustentáveis, mostro desde o início da criação até eles produzidos para a apresentação.

---

<sup>1</sup> A conhecida redação final de cursos de muitos cursos de graduação - Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

## CAPÍTULO I

### ENTRE AGULHAS E LINHAS

*“Do lixo, para onde vai o lixo?  
Da terra que está quase morrendo*

*Me perdoe, dessa vez não vou falar de amor...”*

Čao Laru

É emergente que se fale de sustentabilidade diante a crise ambiental que vivemos, e o teatro não pode ficar de fora dessa. O impacto ambiental de uma roupa é grande, o que dirá de inúmeros figurinos para uma peça teatral. Existe a necessidade de debatermos sobre esse assunto também no figurino.

Iniciamos então com uma introdução sobre a sustentabilidade. Este conceito, de acordo com a geógrafa Rafaela Souza no site “Brasil Escola”: “é a busca pelo equilíbrio entre o suprimento das necessidades humanas e preservação dos recursos naturais, não comprometendo as próximas gerações.” (SOUZA<sup>2</sup>). A moda sustentável então pode ser entendida como uma forma de sustentabilidade no vestuário, mantendo um guarda-roupa com medidas de quem se importa com o meio ambiente e o futuro.

Quando falo que existe uma relevância em falar sobre moda sustentável atualmente, não digo que a moda seja a única responsável por essa eminente catástrofe ambiental. Dito isso ela não deixa de ser um dos grandes impactos, por isso busco falar sobre a moda sustentável e com isso ligar a minha área, o teatro. O figurino está presente no teatro, no audiovisual, nos editoriais de revista, entre outros, mas no teatro tem pouco foco dentro dessa pesquisa de sustentabilidade.

Mas por que o figurino teatral precisa ser sustentável? Acredito que o figurino tenha um impacto ambiental negativo sim, não há como dizer que seja na grande escala

---

<sup>2</sup> SOUSA, Rafaela. **"Sustentabilidade"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao/sustentabilidade.htm> . Acesso em 15 de fevereiro de 2022.

da moda, mas podemos comparar seus processos e entender o porquê o figurino também é importante de se tornar sustentável. Para isso, começo falando sobre a relação da moda e o figurino para aos poucos desenvolver melhor as possibilidades de criações sustentáveis.

## **1.1 Figurino e Moda**

Em seu livro “A Linguagem da Encenação Teatral”, Jean-Jacques Roubine diz que: “o figurino tem uma função específica, a de contribuir para a elaboração do personagem e também ser um conjunto de forma e cores que intervêm no espaço do espetáculo, e devem, portanto, integrar-se nele” (1982, p. 127). Partindo da ideia de que o figurino é um elemento visual importante para toda peça, tanto para construção do personagem, quanto para construção da estética, podemos então pensar como a sua própria construção é importante para montagem teatral, na questão visual e financeira.

A moda pode parecer um tema fútil quando não tratada como um ato político. Não digo sobre frases em tom imperativo escritas em camisetas como palavras de ordem, mas sobre nossas escolhas como identidade, forma de expressão e de pensar na origem das roupas. O que vestimos diz algo sobre nós, sobre como nós queremos nos mostrar em tal circunstância, sobre qual personagem queremos representar. O que escolhemos expressar artisticamente é político, abre espaço para interpretações diversas e entendimento de diferentes narrativas.

O figurino tem o papel de vestir o personagem no palco e nas telas, e a moda de nos vestir na vida, e os significados que as roupas transmitem é algo que liga o figurino da moda. Dependendo do lugar que você vai e que postura quer apresentar, a roupa pode facilitar em transmitir tal signo.

A profunda representação do personagem foi importante para a criação do figurino, mas durante muito tempo o figurino foi apenas um artefato decorativo no teatro ocidental. Roubine diz: “A preocupação com a adequação mais íntima a um personagem, considerado na sua peculiaridade psicológica e social, surgiu na cena naturalista. Quanto aos simbolistas, eles cuidarão de integrar o figurino na unidade da imagem cênica”. (ROUBINE, 1982, p.128)

A indumentária foi evoluindo durante os anos, assim como a moda. Em cada época era possível diversificar estilos e pensar cada vez mais em praticidade e conforto. A cada mudança as pessoas iam se aproximando mais aos seus gostos e marcando mais a sua identidade.

A variação de formas de criar figurinos vai não apenas de cada época, mas também varia dependendo do encenador da peça. Roubine ainda pontua sobre como alguns diretores optavam por figurinos mais decorativos, outros que se encaixassem na cenografia, alguns para uma representação mais realista com a ambientação histórica e geográfica e de *status* social. Artaud tinha, por exemplo, um intuito ritualístico com seus figurinos. Já Grotowski, que trabalhava com teatro pobre, negava grandes figurinos espetaculares, mas ainda sim trazia seu propósito na vestimenta. Roubine diz que no figurino de Grotowski:

encontramos a rejeição da representação realista, a recusa de qualquer decorativismo, a procura de uma ferramenta que permita ao corpo do ator desenvolver as suas faculdades expressivas no tríplice plano da encarnação do personagem, da sua integração num espaço (que, ao mesmo tempo, ele está encarregado de criar), e da sua relação com os outros personagens... (ROUBINE, 1982, p. 133)

Escolher um figurino pode parecer algo que nos impacta apenas no momento de atuar, mas ele pode reverberar no nosso dia a dia. É imperativo, muitas vezes, como as novelas podem ditar a moda. Escolher a moda é algo cotidiano, que tem impacto todos os dias, e para quem busca um impacto mais positivo na Terra, é possível optar pela moda sustentável. A moda sustentável pensa desde o início da sua produção no social e no ambiental, é uma moda justa com o cliente, com aqueles que produzem e com o meio ambiente.

A moda é uma reflexão do indivíduo dentro da sociedade e o figurino uma reflexão das personagens dentro da peça. Ela tem um papel político e deve ser para todos. É por isso que precisamos pensar no figurino como algo inclusivo, para cada dia termos mais representatividade. Desta maneira, é necessário que pensemos numa moda para todos os corpos, de todos os lugares, todos os bolsos, sustentável, entre outras.

A indumentária vai ganhando mais significado a cada época do teatro e aos poucos vai sendo experimentada de diversas maneiras. Para que falemos da importância de seu

conceito e para que pensemos na sustentabilidade em sua produção precisamos elaborar uma ideia com criatividade e consciência.

De acordo com Luiza Cunha e Nívea Souza (2020, p.110): “As mudanças na moda não são aleatórias, são o reflexo das alterações sociais e culturais da sociedade que se espelham nas opções dos consumidores.” Sendo assim, a moda muda com o mundo, com a sociedade e suas demandas e o figurino pode mudar com a moda e com as novas dramaturgias que se criam.

## **1.2 Sustentabilidade em pauta**

Iniciando o tema de moda sustentável, trago dados importantes para primeiro nos conscientizarmos de como a indústria da moda pode ser destrutiva para o meio ambiente e a sociedade para depois seguirmos para um caminho de prática diante os dados fornecidos.

De acordo com o livro “Com que roupa?” de Giovanna Nader (NADER, 2021, p. 14): mais de 3500 litros de água são usados para fabricar uma calça jeans. Além disso:

a moda é responsável por 8% a 10% das emissões de gases de efeito estufa, [...] é o segundo setor da economia que mais consome água e produz cerca de 20% das águas residuais (esgoto) do mundo. Sem contar os altos níveis de agrotóxicos e pesticidas utilizados nas plantações de fibras de tecidos. (NADER, 2021, p. 17)

Giovanna ainda fala que: “A maioria das peças comercializadas atualmente é feita de poliéster, fibra sintética obtida a partir de petróleo e que leva 450 anos para se decompor.” (NADER, 2021, p.30)

Em outro livro como “Como salvar o futuro: Ações para o presente” de André Carvalhal (CARVALHAL, 2020, p. 191), ele cita que a Ellen MacArthur Foundation recolheu dados que dizem que: “Um caminhão de lixo cheio de resíduos têxtil é descartado por segundo no mundo. Menos de 1% das roupas descartadas são recicladas.”. Porém como o próprio livro reflete não há como jogar fora algo quando não se existe o “fora”, tudo continua aqui entre nós na Terra. Enquanto descartamos uma inúmera

quantidade de “lixo”<sup>3</sup> amontoamos cada vez mais materiais que não estão prontos para serem jogados fora.

Dados da revista Piauí de dezembro de 2021 dizem que apenas 20% das 170 mil toneladas de lixo da indústria têxtil e de confecções no Brasil são recicladas, o resto tem o descarte indevido em aterros sanitários ou a incineração. Vale lembrar que segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), o Brasil produziu, em 2019, 9 bilhões de peças de confecção, número maior que a quantidade de habitantes da Terra (7,7 bilhões), (CEARÁ; BUONO, 2021) e que mesmo assim sabemos que muitas vezes faltam roupas para as pessoas, o que leva a questionarmos o porquê desse descarte massivo de roupas.

Ainda no seu livro Carvalhal traz outras informações de como essa indústria pode ser prejudicial (CARVALHAL, 2020):

Florestas de valor insubstituível – e vitais para a nossa existência – estão sendo destruídas para dar lugar ao gado, utilizado posteriormente para a produção de laticínios, hambúrgueres, sapatos, bolsas e cintos (globalmente, quase metade da produção de couro é destinada a confecção de sapatos, seguida da fabricação de móveis e estofamento de automóveis), além de plantações para alimentar esses animais.

Ailton Krenak em seu livro “O futuro não está à venda” (2020) fala sobre a nossa responsabilidade para com o planeta e sobre não esquecermos que nós não podemos nos separar da natureza, nós somos parte dela. Enquanto aqueles que tem autonomia de consumo ainda tiverem um olhar individualista, iremos continuar ferindo o futuro. Vale ressaltar que essa autonomia cabe a um recorte da sociedade. O potencial do coletivo é maior do que podemos imaginar tanto para estragar o planeta quanto para regenerá-lo. É preciso, no entanto, lembrar que uma mudança de tamanha proporção não se faz sozinho. É preciso mudar a estrutura, as indústrias têm que tomar novos rumos, porém como fazer isso se são elas que tem o poder do mercado?

No livro “Se quiser mudar o mundo: Um guia político para quem se importa” de Sabrina Fernandes (FERNANDES, 2020) é dito que não se pode mudar o mundo sozinho, mas apesar de a estrutura ser muito mais poderosa que a agência de uma pessoa sozinha,

---

<sup>3</sup> Coloco entre aspas a palavra pois costumamos ver o lixo como algo a ser descartado sem mais valor, no entanto muitas vezes esse lixo é reciclável, e é descartado sem pensar em ciclo e potencial de renovação dele para que haja o reuso de materiais, o reciclável acaba não sendo reciclado.



mudanças individuais ajudam no caminho da mudança estrutural. Elas podem ser insuficientes, mas não são nulas. Retornando a André Carvalhal: “A expansão da consciência individual e as transformações estruturais precisam acontecer juntas. Se acreditamos que o problema é sistêmico, estrutural, não podemos excluir as pessoas.” (CARVALHAL, 2020, p. 208). Nader pontua que:

A moda impacta diretamente o clima, e apenas com mudanças sérias, colaboração de todas as partes e abertura a novos modelos e sistemas econômicos conseguiremos reverter esse cenário. Não importa onde estamos nessa cadeia de valor, devemos agir desde já para assegurar nosso futuro em um planeta saudável. (NADER, 2021, p.18)

É importante, no entanto, não cairmos na ideia de solução do “capitalismo verde”, um sistema que diz trazer como pauta a natureza, mas desde que não atrapalhe o lucro. Se o sistema faz parte do problema, não é dentro dele que o resolveremos totalmente. Como Giovanna diz: a renúncia de parte do lucro seria necessária dentro desse sistema, visto que seria importante o fim do extrativismo, algo que é intrínseco a forma que esse sistema obtém lucro. (NADER, 2021, p. 57)

Tendo dito tudo isso, ainda não pretendo propor um sistema revolucionário perante o capitalismo, mas visio sim mostrar como pequenas mudanças influenciam numa nova visão sobre os erros do sistema que estamos inseridos para assim irmos começando a trabalhar em ações que atingem a estrutura. Como diz Carvalhal (CARVALHAL, 2020, p.154): “E do individual para o coletivo e depois para o sistema, vamos causando impacto”. Contudo é importante lembrar que nem todos tem a autonomia para mudar de hábitos de forma radical, visto que as grandes empresas têm uma forte influência no que consumimos, as opções que o mercado oferece que são mais sustentáveis muitas vezes são mais caras também, além de nem sempre ter as medidas para todos os corpos, e é por isso que mudanças de estruturas são necessárias para além de apenas mudanças individuais.

Analisando o que Augusto Boal diz quando fala em seu livro “O teatro do oprimido e outras poéticas políticas” (BOAL, 1975, p.11): tendo em vista que todas as ações do ser humano são políticas, e o teatro é uma delas, então o teatro é um ato político, é preciso perceber que o teatro e suas decisões afetam o que está em volta. Optar por um teatro sustentável pode ser uma ótima escolha, mas não são todos que podem tomá-la. Algumas alternativas são mais baratas e algumas são mais caras, não cabe aqui julgar

quem opta pelo menos sustentável por ser mais barato e sim cabe a mim indicar opções sustentáveis. Não farei um manual, mas darei dicas para melhores escolhas. Como diz Sabrina Fernandes “tudo é político” não pode ser uma frase que indica patrulha na vida dos outros, como se fosse uma questão de meras escolhas. (FERNANDES, 2020)

Não há como culpar só o ser humano como responsável de problemas ambientais pela compra de algo menos sustentável, porém mais acessível. É preciso avaliar o sistema que ele está inserido. É necessário buscar referências acessíveis e sustentáveis que caibam para o bolso de todos e não só de alguns.

Produções mais ecológicas podem variar de preço. Buscar por opções como acervo de figurinos, utilizar materiais de refugo ou optar por técnicas como o *upcycle*<sup>4</sup>, podem ser ótimas sugestões para quem procura um preço mais barato e, para quem busca sustentabilidade desde a escolha do material do tecido, é possível recorrer a opções mais caras. Ambas são opções a se pensar economicamente na produção do figurino. Vale lembrar que associar sustentabilidade a alto valor de mercado pode ser um equívoco, afinal como diz Giovanna Nader: “emprestar”, “alugar”, “compartilhar” e “trocar” substituem o “comprar”. (NADER, 2021, p. 38)

Pensar em sustentabilidade reflete em pensar em consumo também e como estamos sendo direcionados pelo sistema e por inúmeras propagandas a cada dia mais a consumir. Em seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo” Ailton Krenak parafraseia José Mujica, que diz: “transformamos as pessoas em consumidores, e não cidadãos” e depois continua a reflexão dizendo que se os consumidores são os seres mais adulados, então para que ser um cidadão e estar no mundo como crítico e consciente. Nós acabamos refletindo a partir disso que se os serviços estão a mão dos consumidores, para que gastar tempo como ser pensante se há como consumir o pensamento já digerido (KRENAK, 2020, p.12). No entanto, é preciso parar para repensar nossa maneira de consumo. Se somos entregues ao mercado, compramos os interesses deles, que muitas vezes pouco se preocupam com o meio ambiente, como diz Criolo em sua música “Cartão de Visita”: “O governo estimula e o consumo acontece”.

O consumismo é fruto da influência do consumo desenfreado, é uma espécie de venda da necessidade de ter cada vez mais coisas. É preciso lembrar que às vezes menos

---

<sup>4</sup> *upcycle*: peças que utilizam partes de objetos antigos, sem descaracterizá-los, para se transformar em algo novo. (DESCARTE, 2021)

é mais. Para que gastarmos muito comprando sempre a nova geração se nem sempre o novo substitui o velho?

Um dia desses um amigo falou algo que me fez refletir: o que nós compramos continuará no planeta após irmos. Nós morremos e os objetos ficam. Se eles têm tanta durabilidade, me questiono o porquê de comprarmos novos? E a resposta é a obsolescência programada. O objetivo do consumismo é fazer com que a sociedade compre cada vez mais. Para que esse objetivo seja alcançável é necessário que os antigos objetos parem de funcionar para termos que comprar a nova geração. Essa ideia é empregada também no vestuário. A cada nova tendência, as pessoas descartam as antigas como se essas não tivessem utilidade. Mas uma roupa, diferente da tecnologia, não passa pela obsolescência de forma tão rápida e é necessário pensar em não descartar essas roupas antigas, mas sim passar para o próximo. Assim construímos uma corrente que utiliza esses materiais que ainda são utilitários e que duram por anos no planeta.

Precisamos prolongar a vida útil dos objetos para assim necessitarmos cada vez menos de novas compras e diminuirmos o lixo acumulado do planeta, que impactará o nosso agora e nosso futuro. Krenak ainda diz que encomendamos o mundo que nossa futura geração vai viver, e é sobre isso que falo quando pensamos só no agora e não nos impactos futuros do nosso presente. (KRENAK, 2020, p.33)

A moda sustentável de acordo com Giovanna Nader “é aquela que respeita o meio ambiente e a sociedade” (2021, p.25). Logo, pensar na sustentabilidade durante a produção de roupa implica também em pensar em uma cadeia de pessoas que a produzem. Pensar no meio ambiente é apenas uma das coisas que falamos enquanto sustentabilidade, mas para além disso precisamos pensar no social.

Quem faz a sua roupa? Essas pessoas têm um pagamento justo? Sobre quais condições elas trabalham? Essas são o tipo de perguntas que precisamos fazer quando compramos algo, para que não contribuamos com o trabalho análogo a escravidão que existe no mercado, sendo o setor têxtil o segundo setor que mais recai nesta prática.

Algumas práticas como exemplo de trabalho justo e inclusivo são citadas no livro de Giovanna, como: inclusão social (tanto na produção quanto no público de venda), valorização de trabalhos artesanais, transparência, locais de trabalho salubres e remuneração justa. Parece óbvio quando falamos essas coisas, mas na realidade muitos não seguem essas práticas. Quando falo de salários justos é preciso também averiguar se

hoje em dia isso ocorre e para quem isso ocorre. É preciso analisar se pessoas negras e indígenas estão incluídas nisso, como Bárbara Poerner e a Equipe Fashion Revolution Brasil falam na Carta Capital em “É impossível sustentabilizar a moda sem superar o racismo”: “Mais que construir “roupas sustentáveis”, precisamos construir uma atuação ambientalista que seja intrinsecamente antirracista.” (POERNER; EQUIPE FASHION REVOLUTION BRASIL, 2019)

Além das contratações, quando falamos de racismo na moda não podemos esquecer que o racismo ambiental é uma realidade que atinge pessoas de todo o mundo. Ao realizar uma pesquisa é possível descobrir que os aterros ou lixões que citei anteriormente da quantidade imensa de roupas que jogamos fora e as indústrias que poluem tanto são em locais geralmente longe dos centros das cidades, perto de onde moram majoritariamente pessoas negras e indígenas e pobres e que convivem com essa poluição, mesmo que os causadores disso sejam por maioria pessoas brancas e ricas, em cargos de influência que pouco se importam em onde causam esse impacto ambiental.

Giovanna traz dados que falam que: 71% da força de trabalho na indústria têxtil é feminina e que grande parte do trabalho é análogo a escravidão e isso significa que o trabalho na moda tem impacto em gênero e raça. Estes fatores são importantes de sejam questionados e superados em uma moda sustentável. (NADER, 2020, p. 34)

### **1.3 Juntando saberes**

Penso eu que, por ser ligado a indústria da moda, o figurino tem em parte responsabilidade desses dados. No entanto não há produção por tendência de figurinos assim como há de roupas, a confecção da indumentária tem um hora marcada. O *fast fashion* ou moda rápida em português é o maior causador desses números. A moda por tendências faz com que o estrago seja cada vez maior, acaba existindo uma demanda de roupas a cada semana e as tendências do passado acabam sendo descartadas. Para que a área dos figurinos não seja uma produção apenas por filme ou temporada de peça, precisamos pensar em produzir *slow fashion*.

O *fast fashion* como o próprio nome já diz pensa numa moda rápida, de duração rápida, mudando a cada tendência e de consumo rápido também. Já o *slow fashion* ou

moda lenta, dita o contrário, trabalha com uma moda mais devagar de maior duração, e pensar numa moda mais durável é pensar por um viés mais sustentável. Neste trabalho irei chamá-los pelo português, como moda rápida e moda lenta respectivamente. A moda lenta pode ser fácil de aderir, mas para isso é preciso pensar na sua produção desde o início, e o livro “Com que roupa?” (NADER, 2021 p. 27-29) dá algumas dicas para uma produção sustentável como: uso de materiais sustentáveis, tingimento natural, reciclagem e reutilização de tecidos, redução de insumos, produtos circulares e produção local.

Essas ideias partem do pressuposto que existe o poder de escolha entre a moda rápida e a moda lenta, porém uma escolha dessas depende de muitos fatores como o dinheiro, tempo de pesquisa e acessibilidade. Fazer a escolha de sua mercadoria com a influência do meio ambiente pode ser algo complexo.

A ideia de moda sustentável pode parecer inovadora perante a esse momento de descaso enorme com o meio ambiente, mas ela já existe faz tempo. Seja por opção ou não, muitos já aderiam a essa moda. Às vezes por falta de recurso financeiro, as roupas que chegavam até algumas pessoas eram de segunda mão e outras passaram por tomar essa decisão de ter roupas de segunda mão apenas agora.

Atualmente podemos ajudar a diminuir o impacto ambiental com pequenas atitudes, e uma delas pode ser dentro da indumentária. Há possibilidades de produção de figurinos apenas com roupas de brechó, materiais de refugo, reutilizando roupas, acervos, reciclando, fora a utilização técnicas que vem cada vez mais sendo exploradas como: *upcycle* e *patchwork*<sup>5</sup>.

Na pesquisa “Figurino de teatro pelo design de moda: um cenário colaborativo e sustentável” de Mariane Costa e Cleuza Fornasier, ambas da Universidade Estadual de Londrina, elas afirmam que ao pesquisar e entrevistar grupos de teatro locais encontraram em suas falas formas de utilização de materiais sustentáveis:

Como alternativa à falta de investimentos financeiros, os profissionais relataram que reaproveitam roupas de brechós, como também reaproveitam trajes de cena de outras produções, por meio de adaptações e modificações. A utilização de sucatas também é muito frequente, pois, além de diminuir os custos com materiais, contribui com o meio ambiente e convida artistas e espectadores

---

<sup>5</sup> patchwork: técnica de costura que consiste em usar retalhos para formar uma nova peça de roupa.

a darem um novo significado aos materiais ainda úteis descartados como lixos.  
(COSTA; FORNASIER, 2018)

A palavra sustentabilidade muitas vezes parece ser muito distante de nós por acreditarmos que é caro e trabalhoso. Muitas pessoas não acreditam ter atitudes sustentáveis por não ter roupas feitas de fibras naturais, mas pequenas atitudes, como doar, já é um início para a sustentabilidade. Colocar a roupa em circulação e comprar numa quantidade necessária e não exacerbada também é pensar sustentavelmente. Isso é um ponto importante porque não basta comprar algo sustentável, é preciso pensar na quantidade. Conscientizar-se sobre as marcas também é um passo importante.

Existe uma necessidade de o consumidor pensar em uma economia diferente da linear, que usa e descarta. Um exemplo disso é a economia circular que não tem o fim de seu ciclo no descarte. Depois dessa fase elas voltam para a cadeia de produção para ser transformado e poder ser reutilizado. Ou então é possível que seja usado material biodegradável, para seu “fim de ciclo” ser o retorno a natureza, de onde tudo começou. Outra opção pode ser a economia colaborativa ou compartilhada, em que ao invés de comprar, alugam-se roupas, e assim podemos pensar mais sustentavelmente. (NADER, 2021)

Ao iniciar o processo de conscientização, temos de ficar atentos a enganações com rótulos sustentáveis. O *greenwashing*, ou também conhecido como “lavagem verde” em português, é uma das formas que empresas se utilizam da propaganda sustentável para vender mais com esse título amigável sem se dedicar de todas as formas a sustentabilidade.

Quando se busca roupas sustentáveis é preciso olhar além do selo de sustentabilidade que as marcas colocam. Olhar o material de que a peça é feita é fundamental. Muitas vezes roupas tem pouca longevidade devido ao tecido, e por isso são mais baratas, mas o barato no final custa caro porque é preciso repor essas roupas que estragam rápido. Giovanna diz que: “marcas de *fast fashion* vendem roupas da tendência atual a preços baixíssimos. Por trás disso estão produção em larga escala, trabalhadores mal pagos e tecidos de baixa qualidade, que viram lixo depois de poucas vezes de uso.” (NADER, 2021, p. 19-20)

Procurar por transparência é um dos passos importantes na adesão de sustentabilidade, como diz Giovanna: “A ética e a transparência, dois valores que até

então não eram prioridade no mercado, agora andam mãos dadas com a estética.” (NADER, 2021, p. 72). Essa pode ser uma das principais coisas a se observar quando iniciamos esse processo.

Observar de que tipo de material é feita sua roupa também é importante para sustentabilidade do seu guarda-roupa e da sua peça de teatro. Optar por tecidos de fibras naturais pode parecer muito melhor que os sintéticos por serem biodegradáveis. Tecidos de seda, lã, linho, de cânhamo, algodão ou sisal são opções diante ao poliéster e elastano por exemplo, mas entender que não é porque a fibra é natural quer dizer que ela é sustentável devido a forma de plantação dela é um debate muito mais longo, do qual não entrarei aqui.

Compreender que comprar nem sempre é o caminho é um dos primeiros passos. Como já falei antes há outras coisas como alugar, trocar e compartilhar que substituem o ato da compra. Isso é muito interessante quando falamos de peça de teatro. Um grupo de teatro pode ter seu acervo de figurinos que aos poucos vão se adaptando a cada peça.

Além disso podemos aprender técnicas sustentáveis que vem ganhando fama ultimamente. Além dos clássicos 3R's (reduzir, reutilizar e reciclar) é possível reformar e fazer *upcycling* (prática do *upcycle*) e *patchwork*, que seria uma forma de reutilizar, mas de forma diferente. Isso já é um ganho enorme sustentável pois substitui o consumo de algo novo pelo reaproveitamento de algo que já existe e ainda está em estado de uso.

Cuidar da roupa para que ela dure mais parece óbvio, mas o simples ato de ler a etiqueta nem sempre acontece. Quando sabemos a forma adequada de lavar, secar e guardar a roupa ela tem muito mais durabilidade, e algo que parecia simples se torna muito mais singular e longo, visto que a cada tratamento é especial para cada tipo de roupa.

Novas formas de se relacionar com a roupa são uma maneira incrível de se entender nesse meio da moda e do figurino sustentável.

## CAPÍTULO II

### RECORTANDO MOLDES

O processo de criação de figurino pode requerer várias etapas dependendo do figurinista, como: entender o conceito para entender a concepção, ler o texto, desenhos iniciais, croquis, referências, decisões, pesquisa de material; cor; textura; além de conversa com os integrantes da peça para que o figurino haja um diálogo com a luz, elementos de cena e o personagem.

É preciso de muita criatividade na hora de criar, mas não podemos esquecer que no mundo atual podemos buscar referências em vários veículos, que nos instiguem criativamente e que nos ensinem com o que já foi construído. Trago alguns casos de figurinos e moda sustentável já produzidos que provocaram e foram férteis ideias na hora da minha criação de figurino nas disciplinas da faculdade.

A moda sustentável pode ser uma opção de várias pessoas, às vezes por escolha de entrar nesse caminho ou pela falta dela. No documentário “DESCARTE<sup>6</sup>”, por exemplo, uma das pessoas citadas, que também trabalha com moda sustentável é a Vicenta Perrotta, estilista que trabalha com material de refugo, tecidos descartados de lojas do Brás, um bairro com grandes lojas em São Paulo. Vicenta optou por esse material justamente por ser descarte e não necessitar de gastar dinheiro comprando os tecidos.

Outro exemplo de moda sustentável é a Coleção Weá Terra Fértil<sup>7</sup>, que foi produzida por Dayana Molina e Sioduhi, estilistas do Coletivo Indígenas Moda BR, para a campanha “O que você faz importa”, promovida pela National Geographic Brasil como forma de conscientização das atuais mudanças climáticas na Amazônia. Esta coleção foi criada se utilizando de técnicas já citadas anteriormente da moda lenta para gerar pouquíssimos resíduos como o *upcycle* e a utilização algodão emborrachado, um material não encontrado no mercado, mas produzido na Amazônia por pessoas que respeitam o meio ambiente, esta coleção não está à venda.

---

<sup>6</sup> DESCARTE. Direção: Leonardo Brant. Produção de Deusdará Filme. São Paulo: Deusdará Filme, 2021. Amazon Prime Video.

<sup>7</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=2Qo5Ca\\_RWC8](https://www.youtube.com/watch?v=2Qo5Ca_RWC8). Acessado em: 2 de abril de 2022.



O figurino não fica de fora dessas experiências com sustentabilidade. Em uma entrevista com o ator, palhaço e diretor José Regino<sup>8</sup> concedida a mim por mensagem, ele disse que na montagem de “A baleia branca: Moby Dick” do seu grupo Celeiro da Antas (grupo de teatro de Brasília), foi criado um figurino totalmente reciclado, devido à falta de verba, tiveram a oportunidade de usar restos de peças em brechós como uma de suas matérias primas e câmara de ar, o que não atrapalhou na criatividade. De acordo com ele, roupas de segunda mão, inclusive, são uma opção para peças que ele usa até hoje. Para o diretor recorrer a isso pode ser para além de falta de dinheiro, também um discurso político perante essa sociedade de consumo que vivemos.

Falar de criatividade no figurino pode ser algo muito aberto. De fato, é necessária na hora de criar, mas ela não surge do nada, precisa de um ponto motor. A liberdade da criação está junto do limite, os desejos andam juntos das regras e possibilidades. Decidir por sustentabilidade pode ser algo que aparentemente restrinja, mas, na verdade, abre um caminho de oportunidades de figurinos nesse campo.

“Mesmo as pessoas mais criativas, quando há possibilidades ilimitadas, criam coisas chatas e óbvias.” Essa é uma frase da série de documentário chamada “Explicando: A Mente” em um episódio sobre criatividade. É preciso de um tema para que se instigue e crie envolta dele e a sustentabilidade pode ser esse tema, como Agamenon B. Abreu cita em sua dissertação “Gaveta de Ideias”: “O novo a ser criado não surge do “nada”, do vazio, do vácuo” (ABREU, 2017, p. 34).

De acordo com José Regino, falta de grana não pode ser desculpa para falta de criatividade. A sustentabilidade pode ser um recurso para quem está sem dinheiro, no entanto não pode ser uma restrição da criatividade no projeto.

Ao conceder uma entrevista a Sica Schmitz (figurinista), Cynthia Summers, figurinista de series famosas de televisão, respondeu como leva a moda sustentável aos figurinos:

Há muitas maneiras de pensar de maneira mais sustentável na criação de figurinos. Eu não diria que é fácil. Seja para uma série contemporânea, que grande parte das roupas do figurino são compradas prontas, ou um filme de época/fantasia, que requer a confecção de todas as peças, tudo o que você vê na tela passa por um grupo maior de pessoas para aprovação. O traje deve caber no script. Portanto, há muitas limitações na hora de tomar decisões. Mas, dito isso,

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida em 23/09/2021 por Whatsapp

se posso encontrar couro ou pele falsa que satisfaça as necessidades do figurino, geralmente, todos saem felizes.

Sempre que posso eu faço as perguntas. Onde foi feito isso? Podemos usar uma versão sintética? Podemos usar corantes de tecido sustentáveis? Etc, etc. No final do dia, geralmente é mais barato e melhor para todos, incluindo os atores que precisam vestir as roupas. (SUMMERS)<sup>9</sup>

Assim como José Regino, Cynthia fala sobre as limitações criativas na hora de criar sustentavelmente, mas hoje em dia já há possibilidades maiores de substituições de materiais não recicláveis e isso é um fator positivo dentro da criação de figurino sustentável.

Há também a pesquisa do grupo “Missiva Cia de Teatro”, de Londrina, para a montagem “A missiva” em que a pesquisa de Mariane Costa e Cleuza Fornasier comentam em sua pesquisa. O figurino produzido compunha de trajes e adereços feitos de *upcycling* (processo de *upcycle*) de diversos materiais, desde papéis, lacres de latas a roupas com defeitos e outras sucatas.

“Atelier solidário”, um grupo do projeto de extensão universitária vinculado ao curso de Design de Moda da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), em 2017 resolveu trabalhar com descartes. Incluindo a comunidade acadêmica e os moradores do entorno da faculdade, eles produziram o figurino do grupo musical “Morro do Boi” e do projeto “Oficinas culturais” com descartes têxtil de empresas locais. O Atelier Solidário diagnostica o problema socioambiental local e apresenta uma proposta de solução por meio do trabalho em conjunto. Além de trabalhar com resíduos têxtis, o Atelier fez com que os descartes desses resíduos utilizados fossem passados para outro projeto de figurinos da Fundação Municipal de Cultura de Bombinhas, SC, fazendo assim que o ciclo sustentável não se encerrasse no seu próprio projeto.

Essas são algumas das referências encontradas de pessoas que já trabalham com figurino sustentável e que puderam me ajudar com ideias para aplicar na minha experimentação prática que irei em breve descrever. Além de auxiliar com referências de técnicas sustentáveis, esses exemplos podem também estimular a criatividade mostrando

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.modifica.com.br/duas-figurinistas-falam-sobre-moda-e-sustentabilidade-no-cinema-e-tv/#.YABNtNhKjIU> . Acessado em: 6 de março de 2022.

suas estéticas. A série de documentário “Explicando: A Mente”<sup>10</sup> ainda frisa isso quando fala que “uma das maiores fontes de inspiração são as outras pessoas.”

---

<sup>10</sup> Disponível na plataforma de streaming Netflix.

## CAPÍTULO III

### PEÇA FINAL

*“saudade do futuro que não houve  
aquele que ia ser nobre e pobre  
como é que tudo aquilo pôde  
virar esse presente podre  
e esse desespero em lata?”*

Paulo Leminski

Ao começar a falar dos meus experimentos práticos preciso primeiro explicar o nosso processo como turma de Projeto em Interpretação Teatral<sup>11</sup>. Um grupo de inicialmente 18 cabeças pensantes, sendo dois professores e dezesseis alunos surgiram com a ideia de falar sobre o fim do mundo. Várias perspectivas foram mostradas, fins do mundo em comum e outros mais pessoais, o fim dos mundos ou o fim do seu mundo, tanto faz todos cabiam, afinal estávamos em período pandêmico e qualquer fim do mundo parecia próximo de nós.

Tínhamos que criar um curta-metragem como resultado da disciplina e dentre todas as possibilidades de fins de mundo criadas, filosofei e optei por trazer duas visões, a de um mundo pós apocalíptico e de um mundo após a minha morte. Em uma ideia de apocalipse criei um texto póstumo para um solo chamado “Só sobraram as purpurinas”, e a ideia era falar do fim do mundo como se fosse algo recente, como se eu falasse dos escombros que sobraram e, como em uma tentativa de ser sobrevivente, saqueei os restos de coisas encontradas enquanto ainda viva. Falo na dramaturgia sobre nossos últimos atos, sobre o meio ambiente e devaneio sobre como queria que fosse meu fim do mundo. Foi daí que foi surgindo a ideia do figurino. O conceito era sobre restos e misturas do que se conseguia entre os lixos e descartes, por isso não combinavam as peças necessariamente. Assim foi surgindo por meio de ideias do texto e processos o figurino final.

---

<sup>11</sup> Disciplina do penúltimo semestre do bacharelado de Interpretação Teatral de Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

Elementos do vestuários muitas vezes me instigam e me prendem antes mesmo de evoluir a ideia do conceito do figurino. Focada também na maquiagem, fui construindo a indumentária como se fossem fragmentos desse fim de mundo.

Tive um processo mais experimental na criação desse figurino. Inicialmente fiz uma colagem para ser provocada imageticamente com cores e ideias. Depois fiz um croqui, usando como molde um desenho do meu corpo como base desse figurino que viria a ser mudado com o processo. Então comecei a experimentar vestindo peças de roupa sem saber se combinavam ou não e assim foi surgindo a imagem da personagem.



**Figura 1** – Colagem na intenção de construção imagética do figurino para espetáculo Só sobraram as purpurinas, Brasília, 2021



**Figura 2** – Croqui da personagem, espetáculo Só sobraram as purpurinas, Brasília, 2021

Tentando manter a minha ideia ainda na linha sustentável, pensei que nada seria mais sustentável e barato do que utilizar o que já se tem. Escolhi uns óculos escuros de brechó que eu tinha e uns óculos antigos da minha mãe, um biquíni, uma blusa, uma calça e um casaco meu. Peguei também emprestado um casaco do meu pai e produzi a saia com um antigo vestido que eu havia retirado a parte de cima para fazer uma blusa e, junto com retalhos guardados de restos de roupas, que reformei, construí essa peça e foi assim que configurei o croqui (Figura 2). O sustentável disso tudo foi não recorrer ao mercado para o consumo de mais materiais, utilizei o que já tinha e peguei emprestado ou criei aquilo que não tinha, com restos de roupas que possivelmente seriam descartes, se eu não procurasse ter um novo olhar sobre eles.

Cada peça de roupa tem o seu sentido. Escolhi usar dois casacos por uma fala do texto “roubei todos os casacos e me vesti” e achei que o fato de serem casacos grandes seria útil para caso estivesse frio no fim do mundo, mas como o fim é uma incógnita recorri a um biquíni caso fizesse calor também. A ideia era sobrepor várias peças como se não tivesse dado tempo de montar uma mala tendo então vestido tudo que me fazia sentido. Para mostrar marcas de sobrevivência, sujei e rasguei a blusa e remendei a saia, e os acessórios foram surgindo como se fossem possíveis necessidades da personagem.

A mistura ia acontecendo e com isso o figurino ia sendo construído, uma confusão ia tomando forma e era exatamente isso que eu queria para representar essa persona pós apocalíptica.



**Figura 3** - Figurino de Só sobraram as purpurinas



**Figura 4** – Maquiagem de Só sobraram as purpurinas

Como pode ser observado na imagem (Figura 3), algumas coisas mudaram desde o primeiro desenho do figurino, acabei trocando a blusa por uma antiga do meu pai que pudesse ser suja e rasgada, usei o biquíni do outro lado, mudando assim a cor. Utilizei também um terno de meu pai em uma pequena cena e uma cartela de remédio como brinco, ideia que vi em um vídeo. Fora maquiagens que tinha em casa que contribuíram para o aspecto de sobrevivente do apocalipse.

Utilizar apenas o que você já tem como figurino pode ser uma ideia que a princípio restrinja suas opções e que lime sua criatividade, mas fazer isso traz um novo olhar sobre o seu vestuário, reformar roupas que estão tempo paradas no armário é uma grande ideia para figurino e para possivelmente usar como algo novo no dia a dia. Guardar restos dessa roupa antiga que você reformou pode parecer besteira, mas pode se tornar parte de um figurino cheio de retalhos como o meu. As roupas emprestadas podem contribuir também e utilizá-las de forma inusitada também é uma opção, assim uma ideia que parecia necessitar de grandes compras acaba tendo custo zero.



Em contraponto na maquiagem, apesar do batom, o sangue falso, pancake preto e a purpurina ter sido coisas que já tinha em casa não posso dizer que seja sustentável, a purpurina por ser micro plástico demora anos para se decompor e polui a água já que é difícil de ser filtrada. Por ser algo que já tinha e por não conhecer um substituto sustentável, infelizmente foi algo essencial para a personagem que, pode não ser o ideal, que seria um figurino completamente sustentável, mas que por isso dá o nome do curta. Por ser feita de plástico, depois de tudo ser decomposto só sobra ela.

Partimos então para o último semestre e para a disciplina de Diplomação em Interpretação Teatral. Escolhemos um texto de Jô Bilac, “Alguém acaba de morrer lá fora”, que trata de quatro personagens desconhecidos entre si que se conhecem em um café-bar e, aos poucos, devido certas circunstâncias, vão se abrindo cada vez mais para quem era apenas um estranho no começo da peça. O texto fala sobre morte, de como lidar com ela e de como é possível receber de diferentes maneiras uma notícia sobre isso.

A turma teve a decisão de fazer a montagem com todos os atores e atrizes em cena dividindo personagens, com uma divisão de falas orgânica com apenas o personagem do Dodô sendo interpretada por apenas um único ator. Sendo uma peça com uma história meio absurda resolvemos fazer um figurino mais cotidiano.

A equipe do figurino, composta por Natalia Vídua e eu, construímos coletivamente o conceito do figurino para depois levarmos uma concepção baseado no conceito que criamos juntos. Tivemos experimentações levando diversas roupas e acessórios que nos remetiam aos personagens e aos poucos fomos tirando ideias dessas experimentações. Este foi um experimento prático que juntamos com algumas imagens de referência para depois partirmos para os croquis.

Os figurinos surgiram também de um texto introdutório a peça feito pelo autor que é rico em adjetivos para os personagens. O texto traz Laura como uma personagem bélica, que traz a tempestade e um furacão na cabeça; Dodô, o nome do garçom e de um pássaro também, é um proletário revoltado, jovem, mas amargo como um café; Cláudio é uma pessoa tímida e doce; Marcela é uma mulher jovem e felina.

Dito isso, a ideia inicial para o figurino da Laura baseava-se nela como uma mulher forte e marcante. Para isso, ela usa um *corset* preto, uma saia e meia calça e acessórios como bolsa e um guarda-chuva. Para Dodô uma roupa meio amarelo queimado e um avental jeans por cima. O personagem de Cláudio teria um terno de duas cores e um

top feito de gravatas. A personagem Marcela, com seu ar jovial, traz o clássico calça jeans e blusa. Ao apresentar esta proposta para a turma a ideia do figurino já estava completamente mudada.

Ao recebermos provocações, críticas e ideias dos nossos colegas, mudamos os figurino. Optamos por buscar e confeccionar essas roupas partindo de materiais de brechó e doações, além de algumas roupas usadas que também já eram dos alunos. Costuramos, reformamos e adaptamos roupas. Fizemos uma camisa social com manga de terno, um *corset* feito de gravatas e assim foi nascendo nosso figurino. O resultado dependia de que roupas acharíamos nos brechós, se faziam sentido com a nossa criação, e por sorte, no primeiro brechó que fomos, foi encontrado quase tudo como queríamos.

Natália e eu conseguimos costurar o que precisava e com isso surgiu esse figurino:



**Figura 5:** Figurino Laura 1 da atriz Amanda Inter



**Figura 6:** Figurino Laura 2 da atriz Ana Cecília Kresch



**Figura 7:** Figurino Cláudio 1 do ator Eduardo Görck



**Figura 8:** Figurino Cláudio 2 do ator Samuel Caram



**Figura 9:** Figurino Dodô do ator Mattoso Lucas



**Figura 10:** Figurino Marcela 1 da atriz Shirley Araújo



**Figura 11:** Figurino Marcela 2 do ator João Cury



**Figura 12:** Figurino Marcela 3 da atriz Natália Vídua

Como os personagens tinham sido dobrados para abarcar todos os alunos da turma a personagem Laura teve dois figurinos distintos (Figura 5 e Figura 6) com o *corset* feito de gravatas pela técnica de *upcycling* e a saia preta e o outro com uma segunda pele e um vestido com alças de gravatas. O personagem Cláudio também teve dois figurinos distintos (Figura 7 e Figura 8) com partes de ternos e camisas usadas. O figurino do Dodô (Figura 9) foi composto por um avental costurando do zero, e o bordado foi feito por Samuel (um dos alunos da turma) e tingido com tinta natural, e o resto foi feito com peças de roupa já do ator. Por último, o figurino da Marcela (Figura 10, Figura 11 e Figura 12) foi feito de roupas usadas com customizações.

Desta maneira conseguimos produzir um figurino que era sustentável e que fazia sentido com a peça, que teve um ótimo resultado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passo entre agulhas e linhas, moldes e chego na peça final com o conteúdo para o entendimento que é possível sim um figurino inteiramente sustentável, com muita pesquisa e engajamento no assunto é viável produzir um figurino assim, mas é preciso entender também suas condições e ideia estética do espetáculo para ver se essa ideia se encaixa.

Este trabalho acaba entendendo que a moda e o figurino se correlacionam por um viés expressivo da persona que interpretamos todos os dias ou só esporadicamente e que há um lugar estético que as unem, pela influência de cada uma entre si. Percebo também a importância de nossas escolhas como produtores e consumidores de roupas e como isso também pode ser uma referência positiva tanto no figurino quanto na moda quando falamos de sustentabilidade.

Ao entender a relação das duas é possível ver a relevância atual de se falar de sustentabilidade no vestuário. Pode ser algo com uma difícil participação por falta de acessibilidade e autonomia de consumo, mas não é uma ideia a ser descartada. É preciso de um trabalho prévio para maior adesão. Parece utópico e distante, mas é urgente falar de uma sociedade sustentável e é perceptível isso ao ver os dados que salientam o quanto a indústria têxtil é danosa para o planeta.

Depois que compreendemos o quão devastador pode ser essa indústria é fácil notar quem são os grandes responsáveis por isso. Entende-se que a indústria, como produtora de roupas, precisa se organizar e abdicar de certos lucros para aumentar a sustentabilidade nos seus processos. Visto que já há grandes estragos no planeta é preciso entrar numa política de redução de danos.

Nesta monografia, a cada descoberta eram descritas novas técnicas e possibilidades de criações mais sustentáveis no teatro. Percorri o caminho da moda sustentável até chegar no teatro. Entender o figurino como algo cheio de significados faz com que seja ainda mais potente a escolha de sustentabilidade na sua criação.

Estudos sobre tecidos, mão de obra, trabalho justo, técnicas como *patchwork*, *upcycling*, reformar, reciclar, entre outras, fazem com que entendamos mais sobre as possibilidades das produções de roupas e assim esse conhecimento se transfere para os

figurinistas. Um universo se abre e o que aprendemos na teoria já pode ser passada para a prática, nos croquis e na implementação dos figurinos.

Considerando que é preciso de criatividade nesse tipo de processo, é possível, por meio de referências, ser influenciado e aprender sobre aquilo que já fizeram antes de nós. Trazendo nomes com diferentes técnicas é possível absorver mais conteúdos e se entender como um figurinista com sua própria estética.

Compreendo então finalmente como sair da teoria para ir para a prática, onde temos a resolução de dois projetos, ambos de disciplinas de formação do curso de Artes Cênicas da UnB, em que descubro como a sustentabilidade pode ser o motor para o processo de criação estético de um figurino.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Agamenon. **Gaveta de ideias**: Um ponto de vista de processos criativos em figurino no teatro em Salvador. Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup> Eliene Benício Amâncio Costa. 2021. 136. Dissertação (Mestrado) – Artes Cênicas, Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

BOAL, Augusto. **O teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

CARVALHAL, André. **Como salvar o futuro: Ações para o presente**. São Paulo: Editora Paralela, 2020.

CARVALHO, Dianna; SCHIMIDT, Fernanda. **Racismo ambiental**: Por que algumas comunidades são mais afetadas por problemas ambientais? Futuro depende do fim da desigualdade. ECOA Uol. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/racismo-ambiental-comunidades-negras-e-pobres-sao-mais-afetadas-por-crise-climatica/#page1> . Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

CEARÁ, Lianne; BUONO, Renata. **O lixo da moda**. Piauí. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-lixo-da-moda/> . Acesso em: 4 de janeiro de 2022.

COSTA, Mariane; FORNASIER, Cleuza. Figurino de teatro pelo design de moda: um cenário colaborativo e sustentável. **Fórum Fashion Revolution**, Site Fashion Revolution, v.1, p. (102 – 105), outubro, 2018.

CRIOLO. Cartão de visita (Part. Tulipa Ruiz). São Paulo: Oloko Records, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7DX4KWYU09U> . Acesso em: 22 de abril de 2022.

CUNHA, Luiza; SOUZA, Nívea. A materialização do figurino e o acervo de roupa: memória e sustentabilidade. **Coletânea de artigos apresentados na jornada de iniciação científica de 2020**, Jornada Virtual, p. (108 – 120), 2020.

DESCARTE. Direção: Leonardo Brant. Produção de Deusdará Filme. São Paulo: Deusdará Filme, 2021. Amazon Prime Video.

FERNANDES, Sabrina. **Capitalismo: um sistema de lixo** | 081. 2021. (15m54s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dxbD0pUzjP0> . Acesso em: 6 de março de 2022.

\_\_\_\_\_. **Consumismo x Socialismo** | 036. 2018. (22m49s) Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=b4driJ-lrBI&list=PLPZ4y7b7MwOtxQ2kr7haaO\\_F7skHkDNFF&index=3](https://www.youtube.com/watch?v=b4driJ-lrBI&list=PLPZ4y7b7MwOtxQ2kr7haaO_F7skHkDNFF&index=3) . Acesso em: 06 de março de 2022.

\_\_\_\_\_. **Ecofascismo** | 086. 2019. (14m45s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WcD70B63El4&t=135s> . Acesso em: 24 de abril de 2021.

\_\_\_\_\_. **Ecosocialismo é mais que ambientalismo** | 080. 2021. (15m44s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N-riXUzjC5c> . Acesso em: 6 de março de 2022.

\_\_\_\_\_. **"R" de Racismo Ambiental** | Glossário 014. 2022. (7m38s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iGJzgzgRQfQ&t=66s> . Acessado em: 16 de fevereiro de 2022.

\_\_\_\_\_. **Se quiser mudar o mundo: Um guia político para quem se importa**. São Paulo: Planeta, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MICHAELIS. **Lixo**. Uol. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/lixo> . Acessado em: 6 de março de 2022.

NADER, Giovanna. **Com que roupa? Guia prático de moda sustentável**. São Paulo: Editora Paralela, 2021.

PEREIRA, Sandra; BICALHO, Carolina. Slowfashion: perspectivas e desafios à luz da economia criativa. **Fórum Fashion Revolution**, Site Fashion Revolution, v.1, p. (47 – 49), outubro, 2018.

ROPELATTO, L., GISLON, M. M., & RIFFEL, R. (2020). **Moda, figurinos e sustentabilidade: relatos de uma gestão criativa através do projeto “Atelier**

**Solidário**". *Extensão Tecnológica: Revista De Extensão Do Instituto Federal Catarinense*, 7(13), 191-206. Disponível em: <https://doi.org/10.21166/rext.v7i13.1254> . Acessado em 22 de março de 2022.

ROUBINE, Jean-Jacques. **A Linguagem da Encenação Teatral**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

SCHMITZ, Sica. Modefica. **Duas Figurinistas Falam Sobre Moda e Sustentabilidade no Cinema e TV**. Disponível em: <https://www.modefica.com.br/duas-figurinistas-falam-sobre-moda-e-sustentabilidade-no-cinema-e-tv/#.YABNtNhKjIU> . Acessado em: 6 de março de 2022.

SOUSA, Rafaela. **"Sustentabilidade"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/educacao/sustentabilidade.htm> . Acesso em 15 de fevereiro de 2022.

## ANEXO A - Glossário

- **Corset:** uma peça de roupa íntima apertada, usada especialmente no passado, utilizada na parte do meio do corpo da mulher para que sua cintura pareça menor. ([Cambridge Academic Content Dictionary](#) traduzido livremente por Ana Cecília Kresch)
- **Fast fashion ou “moda rápida”:** roupas que são feitas e vendidas baratas para que pessoas possam comprar mais roupas mais frequente. ([Cambridge Academic Content Dictionary](#) traduzido livremente por Ana Cecília Kresch)
- **Greenwashing ou “lavagem verde”:** é uma prática principalmente do marketing e das Relações Públicas, é uma forma de esconder todas as ações muito graves e destrutivas de uma entidade ou de uma pessoa através de uma fachada que vem de uma outra ação que parece ser muito boa para o planeta ecologicamente. (FERNANDES, 2021)
- **Moda sustentável:** é aquela que respeita o meio ambiente e a sociedade, valorizando as pessoas envolvidas no processo e incentivando o consumo consciente – ou seja, sem excessos. (NADER, 2021)
- **Patchwork:** técnica de costura que consiste em usar retalhos para formar uma nova peça de roupa.
- **Racismo ambiental:** é o conjunto de ideias e práticas das sociedades e seus governos, que aceitam a degradação ambiental e humana com a justificativa da busca do desenvolvimento e com a naturalização implícita da inferioridade de determinados segmentos da população afetados. Negros, indígenas, migrantes, extrativistas, pescadores, trabalhadores pobres que sofrem os impactos negativos

do crescimento econômico e a quem é imputado um sacrifício em prol de um benefício para os demais. (HERCULANO apud FERNANDES, S.)

- ***Slow fashion* ou “moda lenta”**: um movimento que promove a cultura e os valores do “lento” na moda, fortemente inspirado no movimento slow food. (FLETCHER; GROSE, 2011, p.128 apud PEREIRA; BICALHO, 2018, p. 48)
- **Sustentabilidade**: é a busca pelo equilíbrio entre o suprimento das necessidades humanas e preservação dos recursos naturais, não comprometendo as próximas gerações. (SOUZA)
- **Upcycle**: peças que utilizam partes de objetos antigos, sem descaracterizá-los, para se transformar em algo novo. (DESCARTE, 2021)
- **Upcycling**: prática do upcycle.

## **ANEXO B – Entrevista com José Regino**

### **ENTREVISTA (concedida por mensagem) COM ZÉ REGINO SOBRE “A BALEIA BRANCA: MOBY DICK”**

#### **1) O QUE TE LEVOU A FAZER UM FIGURINO TODO RECICLADO? ISSO LIMITOU SUA CRIATIVIDADE?**

“Bom, o que nos levou sempre realmente foi a falta de recursos. Em primeiro momento, buscar um custo mais barato, depois a gente viu que a opção também conduzia a gente a uma estética nos aspectos da linguagem, já estaria definido, então na época a gente procurou o que a gente chamava de mercado das pulgas, que nem era tão comum assim os brechós e a gente foi negociando com eles comprando inclusive peças mais velhas ainda e conseguimos chegar em uma material interessante, porque a estética do brechó, da segunda mão, é uma estética que eu ainda uso hoje, em vários trabalhos já faço assim, e gosto muito da roupa quando ela tem história e traz história, eu gosto muito.

Bom, não limita a criatividade de forma alguma, esse papo de que se acaba limitando não. Buscar o reciclado acho que é muito mais uma postura inclusive política mesmo, a gente já está numa sociedade do consumo o tempo todo tudo sendo utilizado, reaproveitado, aproveita pouco se gasta muito então eu sempre penso que nós da arte se a gente puder lançar um outro olhar sob essas coisas, sobre a rotina, sobre o consumo, sobre a nossa forma de vida mesmo, a gente vai estar sempre contribuindo, então quando você traz para a cena elementos como a gente utilizou na época como a câmara de ar com os botões feitos com tampinhas de garrafa de cerveja, trabalhado, dando outro aspecto, quando a plateia reconhece isso em algum momento isso mexe muito com eles, os coloca em outro lugar, aproxima aquele material dele, é como se você falasse: “Ei, você também pode fazer, não é só uma questão de grana, basta você ser criativo basta você lançar a mão dessa opção.” Então acho que por trás do reciclado, por trás do alternativo tem um discurso político e a gente tem que lançar a mão dele e tem que usá-lo com utilidade e eficácia. É isso.”

2) VOCÊ ACREDITA QUE ISSO PODE SER UM RECURSO PARA QUEM TEM POUCA VERBA PARA O FIGURINO?

“Sim, pode ser, agora o que não pode é justificar: “Ah isso foi feito assim porque não tinha condição de fazer diferente”, não. Com ou sem verba, a escolha seja ela qual for tem de ser sempre uma opção criativa, nunca uma opção por força de circunstância apenas, entende?! Então não importa qual o material (de onde ele vem), a forma que você utiliza ela deve sim buscar ser a forma mais criativa possível, então se eu tenho/ganho de presente um quantidade X de tecido nem sempre esse tecido é o tecido que eu quero usar porque talvez ele não dê o efeito que eu precise para aquela cena. Então como é que eu posso trabalhar esse tecido? Como é que eu posso alterar esse tecido? Existe alguma goma ou algum tipo de tratamento, entende? Sempre vai haver opções e possibilidades, então eu acredito que a busca de materiais alternativos abre sim uma gama imensa de possibilidades, não é limitadora, muito pelo contrário, pode até te levar a descobrir outras possibilidades e perspectivas. Agora o que a gente não pode é isso: “Ah por eu não ter grana, por não ter condições eu optei por fazer assim então.” Não, isso não justifica com grana, nem sem grana, nem nada. Com ou sem grana eu opto por fazer assim dessa forma, porque assim contempla, não é o ideal, mas contempla o que eu busco em algum aspecto. Tá claro isso?! Espero que tenha respondido.”